

O complexo intertético: o colapso do ecossistema e a desintegração da vida social

The internet complex: the collapse of the ecosystem and the disintegration of social life

El complejo de internet: el colapso del ecosistema y la desintegración de la vida social

Luzia Cristina Lopes Almeida

José Germano Neto

Alexsandro Galeno Araújo Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Crary, Jonathan. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo ao mundo pós-capitalista. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2023.

Jonathan Crary é um crítico de arte, ensaísta, pesquisador e professor estadunidense. Sua formação acadêmica apreende os campos da história da arte e das artes visuais, incluindo fotografia e cinema. Atuou como docente nas principais universidades dos Estados Unidos: Califórnia, Colúmbia, Harvard e Princeton. Seus livros publicados versam por áreas diversas das humanidades: *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX* (1990), *Suspensões da percepção, atenção, espetáculo e cultura moderna* (1999), *24/7: capitalismo tardio e fins do sono* (2016) e o mais recente, objeto desta resenha, *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista* (2023).

A obra *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista* possui 192 páginas, contendo um prefácio e três Capítulos. Com uma escrita sofisticada, provocante e mordaz, o estilo sem sutilezas elaborado por Crary consegue imprimir fluidez num texto ensaístico e analítico que mescla bases teóricas, filosóficas, estéticas e conteúdo factual. Ao longo do livro, há interlocução com uma miríade de autores, como Karl Marx, Jean Baudrillard, Bernard Stiegler, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Guy Debord, Gunther Anders, Henri Bergson, Giorgio Agamben e muitos outros.

Partindo do título, *Terra arrasada*, Crary não deixa dúvidas que escreveu um manifesto. O ensaio em tom radical, apocalíptico e às vezes distópico, vem para reforçar o seu discurso crítico às tecnologias digitais. O título já evoca uma expressão de um colapso iminente que diz respeito tanto ao universo material, quanto ao social e subjetivo, que, nas palavras do ensaísta, “[...] é uma terra arrasada em que a sociedade civil e os ecossistemas erodem lado a lado [...] uma terra arrasada também leva ao empobrecimento e à corrosão da experiência individual e compartilhada” (Crary, 2023, p. 10-11). A obra anuncia o que está em curso é a destruição dos recursos essenciais à vida e a aniquilação de estruturas sociais, vítimas do que, na leitura do autor, Rosa Luxemburgo chamou de “[...] o sopro mortal do capitalismo”.

No prefácio, escrito pelo próprio professor estadunidense, ele proclama que não quer apenas reforçar o coro dos descontentes com mais um discurso reformista ou fatalista, para os quais a era digital se tornou uma realidade incontestável, sem volta. Ao contrário, ele é categórico ao afirmar “[...] dar voz à necessidade de rejeição e à urgência na imaginação” (Crary, 2023, p. 9). O livro também retoma e prossegue o pensamento desenvolvido na obra *24/7: capitalismo tardio e fins do sono* (2016), na qual, ele se debruça sobre os efeitos nocivos dos estados de vigília da civilização, do consumo, da conectividade ininterrupta, da produtividade e da competitividade na sociedade contemporânea, que avançam sem medidas para colonizar todas as esferas da vida por meio do capitalismo, do mercado e da militarização.

Na introdução, Crary evidencia suas inquietações perante um cenário global dominado pelas grandes corporações de tecnologia (*big techs*) em cumplicidade com o neoliberalismo. Logo na apresentação, nos deparamos com o seu conceito central: “A efemeridade histórica daquilo a que chamo de ‘complexo internético [...]’ é inseparável das crises sociais e ambientais causadas pelo capitalismo global” (Crary, 2023, p. 10). O complexo internético atua como uma categoria analítica que abrange desde práticas, discursos, lógicas, arranjos, aparatos tecnológicos e digitais que se intensificam com a internet, cristalizando-se nos computadores, *smartphones*, redes sociais, *videogames*, *streaming* etc.

No “Capítulo um”, o complexo internético está em simbiose com o capitalismo tardio, em modo sentinela, 24 horas por dia e sete dias por semana, acentuando os processos de acumulação, extração e produção planetária. Dentre o vasto repertório de ideias e autores que Crary entrelaça, sua escrita nos fornece uma preciosa contribuição ao desmistificar a metáfora da nuvem e do virtual, constituída por um imaginário da desmaterialização da era digital. Em certa medida o deslocamento da vida social, econômica e privada para sistemas e plataformas on-line constitui um certo tipo de descorporificação. Mas, por trás de uma aparente miniaturização dos dispositivos e intangibilidade das redes sem fio, existe uma demanda em constante expansão por infraestruturas terrestres com *data centers*, fazendas de servidores e produção de dados, que usam uma quantidade descomunal de energia, para proteger os microcircuitos das altas temperaturas, com um resfriamento elétrico à base de milhões de metros cúbicos de água.

No “Capítulo dois”, o texto segue alertando sobre o ritmo frenético de degradação da biosfera terrestre e o autor prevê a finitude do capitalismo de forma ousada, algo impensável para um sistema econômico tido como autoplástico e perene. A partir de 1990, um dos efeitos desse capitalismo que agoniza, é uma prospecção de futuro que passa a ruir, se instaurando o presenteísmo, que na definição do crítico de arte: “[...] incluem todas as inovações tecnológicas que foram projetadas para abolir o tempo ou para funcionar em ‘tempo real’” (Crory, 2023, p. 85). É instaurada uma nova consciência histórica, que opera no ritmo do instante, eliminando as contingências. Dessa forma, as forças globais impõem uma supremacia do presente com um só porvir de um futuro capturado pelas megacorporações, um futuro dependente das oscilações do livre mercado, da agenda neoliberal, com desenvolvimentos científicos da medicina e da tecnologia que geram um progresso ilusório, apenas para reafirmar um cenário em que tudo já está dado, conforme as previsões de Joseph Gabel, feitas em 1960, citadas por Crary no livro.

No “Capítulo três”, considerado pelo pesquisador estadunidense a parte primordial e estruturante do livro, apresenta um recorte analítico, pragmático e técnico das formas intrusivas da instrumentalização do olhar, do rosto e da voz pelo rastreamento das tecnologias digitais. O capítulo constrói

uma historicização progressiva, desde a comunicação presencial até as formas de comunicação mediadas, bem como adentra nas cosmologias e ontologias relativas à biometria, à economia da atenção, ao design de experiência (*design UX*), ao regime de eletroluminescência e à policromia artificial. Crary enfatiza que o debate recente sobre rastreamento girou em torno do capitalismo de vigilância. Contudo, o autor ressalta que não reiterou tais críticas, buscou ir além da denúncia à invasão de privacidade, comercialização de banco de dados e transparência dos algorítmicos, entendendo que o potencial nocivo também reside na modelagem do comportamento visual, na perda da experiência intersubjetiva e na espoliação da percepção. Nos termos de Crary, significa o “rebaixamento e [a] rotinização” dos sentidos do corpo humano, da realidade e, por conseguinte, a erosão da democracia e da comunidade.

Terra arrasada é uma obra que apresenta profundos questionamentos sobre uma realidade totalmente afetada pelas tecnologias em rede e que, diante de um planeta em crise, de uma multidão atomizada, expressa lampejos de insurgências numa breve menção ao Sul Global e aos povos ameríndios, que são forças em ebulição, resistência e inventividade para o autor, reservas de uma multiplicidade de conhecimentos e sensibilidades intuitivas. Da mesma forma, na sua visão, a música é um terreno de fissuras, no qual os jovens ainda podem explorar veredas criativas e outras existências em meio os imperativos do mercado. A pertinência deste livro para o campo educacional consiste na capacidade de articulação intelectual e transdisciplinar sobre o atual paradigma digital, as implicações éticas da técnica e a fragmentação do mundo da vida, que são temáticas essenciais às demandas formativas da sociedade contemporânea.

Ms. Luzia Cristina Lopes Almeida
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura (Marginália)
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7787-6471>
E-mail: cristinaalmeida@ufrn.edu.br

Ms. José Germano Neto
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura (Marginália)
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2396-9941>
E-mail: germano1996@gmail.com

Prof. Dr. Alessandro Galeno Araújo Dantas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Escola de Ciências e Tecnologia
Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura (Marginália)
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-5103-0339>
E-mail: alexgalenno@gmail.com

Recebido em 1º set. 2025

Aceito em 6 out. 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.